

A REPRESENTAÇÃO DO PRECONCEITO ÉTNICO NA LITERATURA DE IMIGRAÇÃO DO RS: A FORÇA DO REAL EM *UM RIO IMITA O RENO*

LA REPRESENTACIÓN DEL PREJUICIO ÉTNICO EN LA LITERATURA DE INMIGRACIÓN DEL RIO GRANDE DO SUL: LA FUERZA DEL REAL EN *UM RIO IMITA O RENO*

Ivânia Campigotto Aquino¹

RESUMO: Em 1938, surge um livro que surpreende os leitores pelo acerto (ou afronta) da temática em relação ao mundo real: *Um rio imita o Reno*, de Vianna Moog. Trata-se de um livro que é a expressão de uma voz solitária no meio germânico do Rio Grande do Sul. Aparecem imbricados, profundamente, dois mundos daquela época, o mundo interno do romance e o mundo externo delineado pela política de uma nação, dada pelo seu governo, em relação a outras nações. Disso resulta uma história ligada a uma realidade extraliterária por um nexo bem determinado, qual seja, as interferências do pensamento alemão dominante durante a Segunda Guerra na comunidade germânica estabelecida na região de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, abordando a questão do racismo e da miscigenação.

Palavras-chave: *Um rio imita o Reno*. Imigração. Etnia alemã. Preconceito étnico.

1 Na literatura, a história

Um rio imita o Reno, de Vianna Moog, foi publicado em 1938. Nesse ano, desenhava-se um cenário preocupante para a humanidade:

Hitler lidera uma escalada impressionante na Alemanha, recuperando a economia do país ao custo de apelar para um obscuro porão da identidade germânica – a pureza racial – e de perseguir os judeus, tidos como responsáveis pelas mazelas do país. Por aqui, muitos descendentes de imigrantes alemães assistem ao espetáculo europeu com entusiasmo pela recuperação da antiga pátria, a Vaterland, que de fato havia sido humilhada no acordo que selara a paz da I Guerra, o Tratado de Versalhes. E alguns poucos, extremados, esposam aqui o ponto de vista racista de Hitler e seus asseclas (FISCHER, 2005, p.6).

Nesse sentido, é com o presente que o autor lida em seu discurso. Por isso, no estado da arte, pode-se classificar *Um rio imita o Reno* como romance documental, inserido na produção literária chamada Romance de 30. A expressão de linguagem do narrador, nesse contexto, desempenha a função social de problematizar a questão sobre quando chegaria o tempo em que a humanidade se decidiria a cancelar os ódios do passado para começar uma vida nova.

¹ Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora de Literatura do curso de Letras da Universidade de Passo Fundo. Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. ivaniacampigotto@gmail.com

A ideologia que afirmava a superioridade biológica, intelectual e cultural dos europeus (SEYFERTH, 2002) e, em decorrência disso, o preconceito étnico são a centralidade da narrativa. As questões que problematizam essa centralidade são apresentadas por meio de uma “história de amor contrariado por preconceitos de raça”, como o próprio autor diz ao comentar o assunto de seu livro no texto “Breve história de um romance”, incluído na edição de 2005 (p. 15). Trata-se de um amor que nasce entre um rapaz brasileiro, da Amazônia, engenheiro sanitarista, e uma jovem alemã, habitante da fictícia Blumental, cidade germânica para onde ele vem com a responsabilidade de construir uma hidráulica para tratar a água consumida pela população. No entanto, em detrimento do amor, impõe-se a ação racista da família da moça.

A fictícia Blumental é a São Leopoldo das décadas de 1920 – 1930:

Vianna Moog leva-nos para Blumental, indiscutivelmente, São Leopoldo. Aqui há uma hidráulica em construção, um Seminário de Formação de Professores protestantes, uma igreja protestante de interior lúgubre, com relógio que bate de quinze em quinze minutos, pastores protestantes, uma Sociedade Ginástica, indústrias alemãs (DREHER, 2006, p.5)

A hidráulica, motivo da vinda do protagonista Geraldo Torres para Blumental, não é, então, uma invenção alheia à realidade. De fato, em 15 de maio de 1925 começaram as obras da Hidráulica da São Leopoldo, na administração de João Corrêa.

O sistema, quando pronto, possuía 16.748,09 metros de canalizações e um reservatório para 120.000 litros. Saturnino Britto elaborou o projeto, Antônio da Siqueira fiscalizou a obra em nome do governo e os engenheiros locais Alípio Webwe e Rodolpho Laydner Filho executaram-na. As pessoas apontadas como responsáveis pela conquista, por terem lutado para a concretização dessa necessidade dos cidadãos, foram Corrêa e Frederico Wolffenbüttel, seu vice (GERTZ, 2002, p. 196).

A recepção do livro resultou num grande sucesso tão logo foi lançado. Houve duas edições no ano de 1939, sendo que a primeira, de mais de cinco mil exemplares, esgotou-se em três semanas, como o próprio Vianna Moog informa em seu “Breve história de um romance” (2005). Seguiram-se a estas mais duas edições, em 1940 e em 1943. Depois, após um intervalo de tempo até 1958, publicou-se outra edição, e mais uma em 1966; outra em 1973 e a mais recente em 2005. Além das edições, Vianna Moog (2005) informa também que a Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul adquiriu muitos exemplares e distribuiu-os às escolas do estado.

Logo após o lançamento, devido à repercussão da temática abordada, o Consulado da Alemanha interferiu na circulação do livro, dispondo-se a comprar todos os exemplares. Esse fato colaborou para que autor e obra ficassem ainda mais famosos. Assim, com tais acontecimentos, somados aos comentários favoráveis da crítica e à grande venda de exemplares, foi conferido a *Um rio imita o Reno*, em 1939, o prêmio Graça Aranha de Romance, o maior prêmio nacional na época. Consequência também do sucesso do livro foi a eleição do autor para a Academia Brasileira de Letras em 1945.

Houve mais dois acontecimentos interessantes ao romance e ao autor: foi adaptado para uma novela radiofônica em Porto Alegre e a Paramount Pictures manifestou a intenção de fazer um filme no Brasil com o tema do livro, contudo o projeto não se realizou “devido a dificuldades de última hora, provocadas pela guerra submarina”, explica Vianna Moog (2005, p. 18).

A narrativa estabeleceu um paralelo com uma situação de apreensão, medo, ameaça. Da parte dos governos mais expressivos da época, tudo girava em torno da política totalitária, que intentava tornar cada nação uma, de acordo com o pensamento de seu líder político. A força concentrava-se para homogeneizar as instâncias sociais – educação, por exemplo – sob leis ditatoriais. Fischer lembra que o livro foi publicado quando Hitler

está no poder há alguns anos, assim como seu êmulo Mussolini, na Itália, e ainda Franco, na Espanha. Mesmo o presidente do Brasil, Getúlio Vargas, não se pode dizer que esteja no poder por méritos democráticos: depois do Golpe de 30, já passou para trás as expectativas democráticas em 34 e em 37 (isso sem falar de 32 e do combate aos comunistas em 35). Quer dizer: o cenário é de ditaduras, regimes fortes, antiesquerdistas e, na Europa, racista (FISCHER, 2005, p. 7).

Todos os sujeitos históricos citados eram governantes de países periféricos que estavam determinados a ascender economicamente. Pertencentes à periferia do capitalismo moderno ocidental, desejavam alcançar uma modernização acelerada para recuperar o tempo perdido. A possibilidade para fazer isso era instituir um governo totalitário, sob a visão de que é preciso todos se concentrarem num objetivo comum, isso no plano político. A política econômica resultante disso é um Estado que concentra o poder e se imbuí da função de conduzir o desenvolvimento.

Nessas circunstâncias, a nacionalização em vigor no Brasil estava entre as principais medidas governamentais a serem implementadas para o crescimento da nação. As ações

da campanha eram dirigidas a todas as pessoas de origem estrangeira, mas a história mostrou que, no contexto do Rio Grande do Sul, a etnia alemã foi uma das mais focalizadas no sentido de exigir transformação social e cultural, com vistas à assimilação. Para essa ação concentrada na etnia, convergiam os acontecimentos que envolviam o poder de Hitler no final da década de 1930 - véspera da Segunda Guerra Mundial -, com sua extensão a países que abrigavam alemães. Sendo o Rio Grande do Sul o maior berço dos alemães no país, a atitude do governo se fez notar profundamente por aqui, criando-se inúmeros conflitos nas comunidades com presença maciça dos alemães.

Nesse sentido, os sentimentos de brasilidade despertados pela nacionalização encontraram um atraente aliado em *Um rio imita o Reno*, haja vista a repercussão da obra nas diferentes instâncias da sociedade e a recepção dos leitores, que resultou nas diversas edições do livro. Corroborando essa ideia, Gertz, ao analisar a intelectualidade gaúcha que apoiou o Estado Novo, assim se refere a Vianna Moog e a seu livro:

Não se pode esquecer que a publicação do romance *Um rio imita o Reno*, em 1939, teve um sucesso estrondoso, que fez com que o livro tivesse esgotado sua primeira edição em poucos dias e, assim, servisse à causa da campanha de "nacionalização", uma das principais metas do governo de Cordeiro de Farias. O fato de que a Secretaria de Educação tenha adquirido duzentos exemplares para distribuição às bibliotecas escolares do estado demonstra a simpatia que as autoridades tributavam ao livro (GERTZ, 2005, p. 116).

São também indicativas da citada ajuda à nacionalização as manifestações da crítica que se publicaram a respeito, conforme podemos concluir por esta síntese de Martin N. Dreher:

Em outubro e novembro de 1939, o mais importante jornal de Porto Alegre, o *Correio do Povo*, trouxe apreciações sobre "Um Rio Imita o Reno". O primeiro comentarista, Victorino Serra, considerava dramática a situação do Rio Grande do Sul, onde há "conflicto (sic) de raças no sul do Brasil, e um drama que a infiltração do nazismo, á distancia exaltou e tornou, assim, mais evidente." Já Alcides G. Mendonça Lima vê na obra de Vianna Moog denúncia das manifestações antibrasileiras dos moradores de Blumental "Quer "impedir a infiltração perniciosa e soberana de estrangeiros arrogantes e, mais do que isso, impedir que brasileiros, nascidos sob o nosso céu, se deixem dominar pelas tradições de seus Paes ou antepassados, enraizados no paiz (sic) de origem destes." Segundo o articulista, Vianna Moog "exalta [...] o amor ao Brasil e a necessidade de adaptação dos estrangeiros ao nosso meio e aos nossos costumes." Creio que já agora, podemos ver que os leitores de Vianna Moog o entendem como arauto do nacionalismo brasileiro, de um antinazismo e da necessidade de se nacionalizar os "alienígenas", termo então em voga para caracterizar os descendentes de imigrantes.

“Os brasileiros têm, em ‘UM RIO IMITA O RHENO’ um estímulo ao amor da Pátria; os estrangeiros têm uma advertência de que serão mais felizes se procurarem, amando sua pátria de origem, viver a nossa vida, cooperando conosco (sic) na grandeza do Brasil, que não pode dispensar o trabalho honesto e constructor (sic) dos alienígenas, mas pode viver sem os que tentam ferir a soberania e a integridade da Nação.”

Os dois textos foram redigidos “Especial para o ‘Correio do Povo’” e representam, pois, a opinião do então mais importante jornal do Rio Grande do Sul, profundamente comprometido com a então secretaria de segurança pública, através de um familiar, Plínio Brasil Milano, Chefe de Polícia. Além disso, os autores reproduzem o senso comum expresso pelo Secretário de Educação do Rio Grande do Sul, José Pereira Coelho de Souza, além de outros representantes do Estado Novo (DREHER, 2006, p. 4).

Vianna Moog foi filho de seu tempo, como também o foram seus leitores e a crítica, que tomaram o livro como verdade - verdade na época, verdade que pode parecer em outras épocas, inclusive atualmente, pois podemos tomá-lo como a verdade do autor em meio a outras verdades. Dreher registra que “Vianna Moog brincou com seus pensamentos e vontades e seu texto reflete sua forma de ver o mundo, mas também levou seus leitores a incorporarem representações que ficaram em seu imaginário e passaram a fazer parte de sua inteligibilidade” (2006, p. 3). Essa verdade se construiu especialmente pelos fragmentos do real que o romancista oferece ao leitor, pela interpretação que faz dele e por fazer desta interpretação uma verdade.

O romancista traz duas etnias em sua origem, a lusa e a alemã. Segundo Dreher, ele teria dito, em 1976, que queria ser mais “Vianna” do que “Moog”. Para além de possíveis gostos e escolhas quanto às etnias, podemos pensar que esse comentário é revelador de sua construção como escritor, que contava, dentre outras leituras, com as de Gilberto Freire, que era favorável à miscigenação. Nesse sentido, o que ele condena no romance pode ser fruto das ideias fortalecidas no debate intelectual. Dreher (2006, p. 4) afirma:

No enredo do livro dedicado a Marcos Moog e a Maria da Glória Vianna Moog, seus pais, o autor deixa claro que, pessoalmente, está entre o Vianna e o Moog, mas pende em sua propaganda pró Estado Novo para suas raízes Vianna. Em conversa com Telmo Lauro Müller, disse, em certa oportunidade que não era aceito nem como alemão nem como descendente de portugueses (diga-se: açorianos).

A história narrada por Vianna Moog atraiu, incomodou e desafiou os moradores e intelectuais de São Leopoldo e arredores na época, de tal modo que houve reações contrárias de peso: a do Consulado Alemão, já mencionada anteriormente, e a de Bayard

de Toledo Mercio, um desembargador, que resolveu, em seguida à publicação de *Um rio imita o Reno*, dar uma resposta, escrevendo *Longe do Reno*: uma resposta a Vianna Moog, em 1940. Dreher relata que este romance teve apenas uma edição, tendo sido impresso nas Oficinas Gráficas do Instituto Técnico Profissional do Rio Grande do Sul.

Na ficção de Mercio, tudo se passa em Cruzeiro (São Leopoldo). Seu empenho é no sentido de mostrar que o casamento interétnico é possível, que o preconceito existe do lado do brasileiro, não do alemão e que o ambiente proporciona a dissolução dos preconceitos étnicos. Além disso, sugere que a pluralidade leva a nação ao crescimento. Isso é tematizado por meio da união do casal Mário de Vasconcelos e Flávia, ele um médico jovem que é enviado à cidade dos alemães e dos lusos para atuar no posto de saúde. É um anti-teuto-brasileiro e fica isolado em seu preconceito por um bom tempo. No entanto, apaixona-se por Flávia, filha de Hugo, vindo da Alemanha, e Maria, filha dos Cardoso, gaúcha. Fazer parte de uma família que se origina por um casamento interétnico leva-o a compreender que a convivência é frutífera. E mais, que o Brasil pertence a todas as etnias aqui fixadas.

2 Eixos da estrutura narrativa

A estrutura narrativa se sustenta, especialmente, por três eixos: família, espaço e deslocamentos e contatos. Nessa estrutura, sustentam-se a construção do preconceito e suas consequências, num tom de denúncia.

2.1 Família

A família Wolf protagoniza a narrativa. É constituída pelo casal Wolff, a filha Lore, o filho Karl, este já casado com uma mulher da etnia alemã, Irma, com quem tem um filho, Paulinho. Assim formada, é a referência do povo de Blumental em termos de riqueza e poder político e social, sendo a dona do curtume e da fábrica de sandálias. São referências também quanto a ser família alemã identificada por parte do imaginário do Rio Grande do Sul: é rica, industrial, protestante; só fala em alemão com os seus; decora a casa com quadros que lembram a terra natal, como a vista de Heidelberg que está na moldura na sala; coloca à vista de todos uma reprodução em bronze de Bismarck no seu uniforme prussiano e um retrato de Hitler; orgulha-se de ser ariana; cultiva, em frente à casa, lindo jardim ensombrado de cipreste e persiste no uso da língua alemã. Em síntese, em seu lar é evidente a cultura íntima, presente nos elementos que sustentam a identidade da etnia.

Por exílio político, o velho Wolff sai da Alemanha e vem para Blumental, no sul do Brasil. Seu filho, Paul, casa-se com *frau* Marta, uma alemã que tem sangue de Mucker. É ela quem passa a dominar a família Wolff. É determinada, autoritária, fala sempre com um tom de comando, impõe seu modo de pensar a todos e comporta-se publicamente como superior aos demais, por acreditar pertencer à etnia superior, a ariana. Não só publicamente, mas também em seu espaço familiar, suas maneiras de conduzir a família são embasadas em escolhas entre o que é dos arianos e o que não é. Uma das primeiras informações sobre isso que aparecem na narrativa é a vontade dela, conforme relata a sua filha, Lore, de queimar os volumes das biografias de Goethe e Napoleão que existem em sua casa, quando descobre que seu autor é judeu. Com os brasileiros mostra-se antipática, incluindo-os na camada das “raças inferiores” e, portanto, indignas de afeição por parte de sua família. Por essas caracterizações, parece-nos que, ao pensar nesta personagem, o autor tem o olhar fixo nas ocorrências da história. Como registra Fischer (2005, p. 8), “a mãe de Lore simultaneamente é racista, considerando-se superior, e descende diretamente de um ‘*mucker*’, portanto um fanatizado, um irracional.”.

Próprio dos alemães, declaram vários estudiosos, era também primar pelo casamento entre pessoas da mesma etnia. Vianna Moog confere essa característica à família Wolff. O que aconteceria quando *frau* Wolff descobrisse que a filha estava apaixonada por um homem de raça inferior? pergunta-se Lore. Isso logo aconteceria. Seu segredo fica claro logo no dia seguinte ao baile da Páscoa, em que dançou com o brasileiro Geraldo. Cobrada na hora do almoço pela mãe, dela ouve uma sentença: “- Pois bem. Fica entendido. Não admito esse namoro. É preciso que saibas desde já, se não queres inferno dentro de casa... Vamos cortar isso pela raiz” (MOOG, 2005, p. 102). Lore dirige o olhar ao pai, como a buscar ajuda, mas este sabe que é inútil lutar contra a esposa. Ele também é da opinião de que dos brasileiros não se deve esperar nada bom. Num último aviso à filha, a mãe esclarece o motivo primeiro e único da negativa: “- Não suporto a ideia de ver-te casada com um homem de raça inferior. Era só o que faltava” (MOOG, 2005, p. 103).

Do alto de sua superioridade, Marta julga fracassadas até suas amigas da mesma etnia que não haviam conseguido fazer bons casamentos, unindo-se a homens alemães sem capital, como o pastor Henning, que nem uma casa bonita conseguia dar à Matilde, ou Sängler, único que sobrara para Hildegard, um professor de canto, sem renda alta e sempre vivendo no mundo da lua. Pior ainda é o que Wilma fez, casando com João

Santiago, repleto de defeitos: simples escriturário da prefeitura, católico e brasileiro. Protestante casar com católico ainda ela podia aceitar, mas “uma alemã com um negro?” (MOOG, 2005, p. 104), isso jamais. Entregar a filha para um desses negros é inconcebível. *Frau* Marta não confia nem no trabalho que ele realiza na hidráulica. Como um negro seria competente? “Boa coisa não sairia dali!” (MOOG, 2005, p. 104). Para ela, o assunto do namoro estava encerrado. Para Lore não faltariam bons partidos na cidade, como o Oscar Kreutzer, filho de alemão e muito rico.

Lore é daquelas moças cuja educação familiar não a deixa responder mal à mãe, mas, na quietude, exerce uma resistência passiva. Diante de todo o discurso da mãe e da imposição de término do namoro, ela é simples e resoluta, dizendo que, então, não mais sairá de casa. Diante disso, o irmão Karl intervém, expressando a profundidade de suas ideias racistas: “- Querer casar com um índio selvagem. Vais ficar viúva ligeiro. Na primeira gripe que bater, ele morre. Deixa chegar o inverno. Raça fraca...” (MOOG, 2005, p. 105).

Como vemos, na família Wolff impera o mais claro e profundo preconceito étnico. A agente principal é *Frau* Marta, seguida por Karl, o qual não admite que seu filho brinque com os “mulatinhos”. Para ele, a repulsa aos negros seria inata no branco (MOOG, 2005, p. 119) e, sendo assim, como pode seu filho não rejeitar tais meninos?

Tudo isso é fruto do orgulho de pertencer ao raro povo ariano. Mas o doutor Otto Wolff, primo do *herr* Wolff, vem da Alemanha com uma informação chocante sobre o pertencimento dos Wolff à raça ariana. Otto sempre foi elogiado e reconhecido em sua capacidade por todos, pois era médico prestigiado em Berlim. Para *frau* Marta, ele é “a Alemanha moderna... Primo Otto era, decerto, a ciência contemporânea do nacional-socialismo. (...) era a Nova Germânia” (MOOG, 2005, p. 182). Essa nova nação seria obra de Hitler, cujas ideias e postura política são admiradas pelos Wolff e pelos demais alemães e seus descendentes de Blumental. Sua chegada a Blumental traz uma revelação: a família Wolff tem sangue judeu. Assim esclarece : “- Descobriram que o nosso bisavô, de Frankfurt, tinha sangue judeu. Coisa que nenhum de nós sabia... Vi os documentos... Não há dúvida. (...). Mas que importa?” (MOOG, 2005, p. 192).

Frau Marta sente que algo se desmorona dentro dela. Então os Wolff não são alemães, não são arianos, superiores? São da etnia inferior, judeus, os mais desprezados? Isso a destrói por inteiro e a mudança, em tudo, é radical: “ela parecia ter envelhecido muitos anos naqueles poucos dias. Já não mantinha a mesma rigidez dos velhos tempos. Andava taciturna, perdera o ar autoritário, a postura orgulhosa, já não gostava de dar

ordens com voz de comando. Frequentava ainda mais a igreja e, quanto à Alemanha, ao arianismo e à pureza racial, ninguém lhe ouvira mais nenhuma palavra” (MOOG, 2005, p. 196). Afinal, está casada com um bisneto de judeu.

Com o desastre causado pela informação do Dr. Otto, surgem, na mãe, expressões reveladoras de remorso pelo que fez com a filha, separando-a de seu grande amor por preconceito. O pai suplica ao primo que nada seja dito a alguém a respeito da ascendência judaica dos Wolff e Karl torna-se ainda mais irritado e agressivo com a mulher e o filho.

2.2 Espaço e deslocamento

As ações ocorrem em Blumental, uma cidade criada por alemães imigrantes e seus descendentes, sendo eles, ainda, quase que exclusivos moradores. Essa cidade liga-se a Vila Velha. Pelas características apresentadas, é uma representação de São Leopoldo na época da construção da hidráulica, em 1925.

O desenho da cidade é apresentado na visão do engenheiro amazonense Geraldo, que a observa da janela do quarto do hotel no qual se hospeda. Vê a praça, com o prédio da prefeitura no centro, o quiosque à direita, o chafariz, os canteiros geometricamente planejados, com suas rosas vermelhas e brancas, cravos, azaleias, girassóis, violetas e jasmims. Na direção do horizonte, vê o rio, a leste, correndo sereno, sem pressa, a “serra que servia de pano de fundo à perspectiva, a torre pontiaguda da igreja protestante, aponte que ligava os dois braços de terra, o pesado e o soturno movimento do cais” (MOOG, 2005, p. 36). Tem a sensação de que está longe de sua pátria.

Aquela paisagem a preencher o espaço não lhe traz lembrança alguma de algo parecido em outra parte do país por onde já havia estado. Tudo ali é diferente:

Na praça, ranchos loiros de moças passavam aos pares; no quiosque, ao redor das mesas, sob os plátanos, rapazes cobertos de bonés universitários bebiam descansadamente o seu chope. Pareciam sentir-se ali tão à vontade, como se estivessem num bar de Heidelberg ou de Munique” (MOOG, 2005, p. 36).

O garçom, como deveria ser, é Frantz, um alemão. Blumental é definida pelo ar grave, rígido, tedesco, que se faz visível desde o estilo gótico da igreja até as fachadas austeras. Tudo ali forma um conjunto tipicamente germânico, o qual ainda é confirmado pelos letreiros das casas comerciais, das fábricas, dos restaurantes e bares. Dentre eles estão Apotheke, Schuhmacher, Bäckerei, Kreutzer Irmãos.

Se acontece de se afastar do povoado, seguindo o rio dos Sinos, aí então tudo se parece ainda mais com os espaços da Alemanha. O desenho geográfico de Blumental faz-se da

pracinha murada pelo cais, o jardim contornando o pesado monumento da imigração, a rua larga e comprida afunilando-se ao longe; o correr de casas com platibandas, fechando o cenário urbano; e dominando tudo, imponente e sobranceira, defronte da ponte, como a dos antigos castelos medievais, a torre alta e pontuda da igreja protestante, com os ponteiros do relógio a marcar duas horas. O rio coalhado de botes ligeiros, pilotados por moças e rapazes. (...) No fundo, para o sul, a planície a perder de vista; para leste, a serra densa e alcantilada (MOOG, 2005, p. 108).

Blumental imita o Reno em tudo. Está fora do Brasil. É encantadora, mas não é brasileira. Comportamentos das pessoas que ali moram também caracterizam o espaço. As velhas senhoras, por exemplo, que, em pleno dia, sentam-se em frente das suas casas para fazer crochê e falar em alemão. Fechadas em si, pouca importância dão a quem passa, especialmente aos que não são alemães. Caracteriza, ainda, esse espaço de alemães a comida e a bebida servidas a quem chega: é café com leite, pão preto com *schmier* ou manteiga, *klösse*, batatas, cerveja, chope. Dizeres bordados em panos nas paredes, em letras góticas, transmitem mensagens ao que comem, como o que está no restaurante do hotel: *Grüss Gott! Tritt ein, Bring Glück herein* (MOOG, 2005, p. 39).

Além disso, em plena luz do dia, marcha um pelotão de vigorosos rapazes, claros e fortes, em uniforme de escoteiros. Organizados em fila de três, mantêm-se num alinhamento impecável e seguem a ordem de comando do chefe: – *Eins... Zwei... Eins... Zwei...* (MOOG, 2005, p. 44). Em frente ao Seminário Evangélico, segmento da religião protestante trazida pelos alemães para o estado do Rio Grande do Sul, o pelotão faz alto e atenta para as ações do chefe, o qual empunha a bandeira com a cruz da suástica e berra: – *Heil, Hitler!* (MOOG, 2005, p. 45), ao que os moços acodem: – *Heil! Heil! Heil!* (MOOG, 2005, p. 45).

Há, em Blumental, a Sociedade Ginástica - referência a uma das sociedades que de fato existem em São Leopoldo. São locais indispensáveis, no mundo real, a qualquer comunidade de origem alemã, pois a organização de clubes e sociedades é uma de suas identidades culturais. Por eles também se difundiam os costumes e se cultivava a cultura germânica. Eram, portanto, importantes espaços para a prática do germanismo.

Chama a atenção o fato de Vianna Moog citar a Sociedade Ginástica e calar sobre a Sociedade Orfeu, que é o clube mais importante na história de São Leopoldo e o mais antigo dos clubes fundados por imigrantes, tendo sido criado em 1848. A finalidade do clube é expressa nestas palavras de José C. Eggers, as quais também sugerem que a sua existência estava a serviço do germanismo:

A sociedade debaixo da denominação Orpheus é uma sociedade de homens, que tem por fim exercitar, cultivar e enobrecer o canto alemão, influenciando e animando o gosto por ela, a fim de promover por meio dele, uma verdadeira vida sociável e harmoniosa entre os patricios alemães. (EGGERS, 1998, p. 12).

Porém, o Orfeu teve um processo de nacionalização na Primeira Guerra; desse modo, com razão, de acordo com a ideia geral que circunda o romance, de representar, sob a sua compreensão, o mundo germânico de São Leopoldo, Vianna inclui na história narrada apenas a Ginástica, que, de fato, era e se manteve como o clube mais germânico.

De início, na história da imigração, essas sociedades podem ter sido vistas pela população nativa como uma diversificação da cidade de origem alemã. Com o tempo, a prática da ginástica, do canto, dos jogos em geral, vista como do estrangeiro, foi sendo admitida por todos.

Na sociedade Ginástica, os sócios reúnem-se para o lazer e diversão. Os de outra origem, brasileira, por exemplo, são sempre exceções em meio aos teutos, sendo admitidos como sócios somente mediante consulta aos dirigentes e um exame de suas qualidades como pessoas, de sua condição financeira, de seus interesses no grupo e na cidade. Evita-se o quanto possível ameaçar a caracterização germânica do lugar.

Nesse espaço de Blumental, a atmosfera germânica é cultivada não só pelos sócios, com seus costumes, jogos, cervejas, linguagem, mas também pela decoração, que se faz de grandes medalhões, com a imagem de personalidades alemãs, como Wagner, Beethoven, Chopin, Liszt. A biblioteca, por sua vez, também garante a disposição de textos de escritores alemães: Goethe, Schiller, Schlegel. A Nova Alemanha é informada pelo *Mein Kampf*, de Adolf Hitler; *Das dritte Reich*, de Moeller van den Bruck; *Staat, Bewegung, Volk*, de Hans F. K. Günther; *Praktische Kulturarbeit im dritten Reich*, de Hans S. Ziegler. Há, ainda, romances de Marlitt e Kurtz Mahler.

A caracterização do espaço remete, de fato, a um mundo estrangeiro. A política que ali se pratica é, também, diferenciada: não se soma aos interesses de partidos nacionais

e, sim, fica circunscrita aos interesses do local; logo, o que acontece no estado e no país não tem maior repercussão entre os cidadãos de Blumental. Há, ainda, o apoio a quem segue a carreira política por parte dos sobrenomes alemães mandatários no município, o qual funciona como uma aprovação em meios aos eleitores. Quem concede apoio são os Kreuzer e os Wolff.

Interessados ou não no restante do estado ou do país, os teutos também em Blumental comportam-se de acordo com a ideia geral que se forma sobre eles na história da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul: a de sempre estarem com o governo. Não é vantajoso atrelar ao trabalho e à ascensão econômica as disputas de oposição, como diz Karl Wolff ao seu amigo Dr. Stahl: “- Mas doutor, nós não precisamos de política. Não entendo como é que o senhor, que podia estar rico, ainda se mete nessa sujeira...” (MOOG, 2005, p. 125). Para o doutor, estar sempre com o governo é prova de desinteresse e descaso.

Blumental é uma cidade do Reno perdida em terra americana, cuja descrição sugere que nela impera um ambiente austero.

2.3 Contatos

Dados históricos apontam um percentual de, aproximadamente, 10% para a parte da população gaúcha que, em 1940, falava alemão em casa. Segundo Giron (1980), dos 3.320.821 habitantes do Rio Grande do Sul, 393.934 eram falantes em alemão, sendo 375.731 nascidos no Brasil. Contudo, nessa época, a indústria crescia e a região representada no romance passou a receber trabalhadores de diferentes etnias, muitos da “brasileira”, havendo, portanto, um ambiente ainda mais propício à produção da cultura híbrida de que fala Willems (1946) ao se referir à identidade teuto-brasileira.

Um rio imita o Reno apresenta um espaço físico onde a língua alemã é dominante. Porém, registra que a população do bairro operário, ao redor da fábrica de sandálias dos Wolff, é formada por todas as cores e raças, e muitas pessoas manejam indiferentemente o português e o alemão.

Os contatos humanos e a industrialização da cidade haviam matizado a comunidade branca:

Havia ali casais curiosos: teutos e alemães casados com cabrochas; alemães repolhudas casadas com morenos e mestiços. A garotada que brincava junto às obras afinava pelo mesmo diapasão: meninos loiros, morenos, tipos claros de cabelo vermelho, faces cheias de sardas, sararás de olhos muito azuis” (MOOG, 2005, p. 38).

Vianna Moog, portanto, não deixa de considerar a diversificação étnica e a convivência de culturas e línguas que existiam em São Leopoldo na época da escritura de sua obra, mas seu interesse é a diferenciação cultural que persiste.

A diferenciação cultural que se fazia visível na década de 1930, e que foi objeto dos agentes de nacionalização e também de muitos intelectuais que interpretavam questões de etnicidade, é transportada para dentro da narrativa e serviu de caracterização das personagens, sendo expressões maiores dessa diferenciação o uso cotidiano do idioma alemão, a forma de sociabilidade, a moral pela qual se orientam, os costumes que preservam.

O romancista destaca que, em tempos anteriores ao crescimento da industrialização, “Blumental era uma verdadeira Alemanha. Só se falava alemão, os próprios editais da Prefeitura eram escritos em alemão” (MOOG, 2005, p. 51). Se o uso da língua foi sendo adequado, não só pelos alemães que já se dispunham a usar o português nas situações exigidas, mas também por alguns brasileiros, que, pelo convívio e interesse, chegaram ao ponto de dominar a fala alemã e usá-la, da mesma forma, quando necessário, como o faziam as duas negras que trabalhavam na casa dos Wolff, os relacionamentos ainda carecem aplacar extensos distanciamentos, demarcados principalmente por exclusivismos de grupos e famílias germânicos.

Como o que acontece com a língua, há moradias dos cidadãos de Blumental que apontam para a influência de costumes e de estilos dada pelo contato e pela convivência das etnias. Numa ordem geral, eram de família alemã os chalés com jardim na frente, cortinas nas janelas e aparência agradável de asseio e de brasileira as casas descuidadas, de pintura desmaiada, com portões a cair. Contudo, destoando, um chalé tipicamente alemão é habitado por pessoas negras, que se vestem com camisas de brancura imaculada.

A esta Blumental chega Geraldo Torres, um brasileiro nascido no Amazonas, de pele bronzeada e cabelos negros. É solteiro, com 28 anos de idade, engenheiro, que vem do Rio de Janeiro para trabalhar na construção de uma hidráulica em Blumental. Seu primeiro contato é com o pessoal do Hotel Centenário, de um alemão, onde ficaria hospedado até sair da cidade. As primeiras palavras que ouve deixam claro que ele é estranho ao ambiente. O funcionário que está na recepção diz-lhe: *Einen Moment, bitte* (MOOG, 2005, p. 25). O dono do hotel comunica-se em português, mas com um bem

claro sotaque alemão. Ali, como diz o promotor da cidade, quem não sabe falar alemão não tem chances de crescer e se incluir na sociedade.

Vive na cidade a jovem Lore Wolff, filha do velho Wolff, da família alemã mais rica, influente e importante do local. Tendo estudado dois anos na Alemanha, é excelente pianista, muito bonita, educada. Entre ela e Geraldo surge um grande amor.

Lore e Geraldo ficam próximos pela primeira vez na residência dela, numa tarde, quando ele acompanha o grande violinista Raul Machado, já seu conhecido, que vai fazer as tratativas para ela participar dos concertos que seriam realizados na cidade, tocando piano. Geraldo a observa e admira o quanto

Ihe assentava bem a blusinha húngara, vaporosa e fofa, toda bordada, com mangas curtas de elástico e realçar-lhe a carnação da pele rosada. E o cabelo loiro dividido ao meio por duas bastas tranças enroladas em caracol sobre as orelhas! O mais bonito eram aqueles fios rebeldes a lhe roçarem a nuca harmoniosa, por onde corria uma leve penugem de pêsego imaturo. E a saia de *plissé*, ajustada numa cinturinha macia, caindo em nítidas pregas verticais sobre os quadris (MOOG, 2005, p. 58).

Nos dias que seguem, Lore encontra-se com Geraldo várias vezes para passear, oportunidade em que cultivam os seus sentimentos e o amor se aprofunda. No baile de Páscoa, dança com ele à vista de todos, inclusive do irmão Karl. O próximo encontro seria no *kerb*, em Tannenwald. Mas *frau* Marta descobre o namoro e já decide que não continuará. Na hora de ir, arbitra à filha a ordem de não dançar e não falar com o engenheiro. Resta a Lore sair correndo para o quarto e chorar.

Lore trava, a partir de agora, uma luta silenciosa com a mãe e dá início ao fim do contato com Geraldo. Não vai ao *kerb*, causando grande tristeza, solidão e decepção ao engenheiro. Para este, pensamentos, trabalho, ambições, tudo dependeria de Lore. Ela fez com que ele descobrisse em seu interior “reservas insuspeitadas de ternura, de carinho, de amor” (MOOG, 2005, p. 139). Conclui logo que a ausência de Lore se devia à *frau* Marta: “Tinha tremendos e invencíveis preconceitos de raça...” (MOOG, 2005, p. 149). Interrompidos os contatos de Lore com Geraldo, não mais se veem depois da Páscoa. Nem as janelas do palacete dos Wolff se abrem mais para ele, que tem de viver sem nenhuma explicação, apenas com as conclusões a que as evidências o levam.

Quanto a ela, tranca-se em casa a partir de então, e não tarda a adoecer, chegando a arder em febre, balbuciando o nome de Geraldo em seus delírios. Tifo, abalo

emocional em virtude da separação do amado, imposição da mãe, todo um conjunto que a leva até próximo da morte. Ao melhorar, tempos depois, sente que ainda ama Geraldo, mas sabe que jamais o verá, pois sua mãe já providenciou tudo para que isso acontecesse: em troca de apoio nas eleições, os Wolff exigem do prefeito que o engenheiro vá embora da cidade. Assim, a companhia que emprega Geraldo ordena que ele saia imediatamente de Blumental, deixando as obras incompletas. Diz o telegrama enviado a ele: “Suspenda obras, dispense pessoa I, embarque urgente” (MOOG, 2005, p. 162). As consequências são drásticas não apenas para o casal de apaixonados, mas também para a população, que aguarda a água tratada.

O senhor Wolff faz as tratativas com o prefeito, Karl concorda, considerando excelente a solução, porém a grande responsável é Marta. A sua forte vontade é que prevalece sobre tudo e sobre todos para “preservar um lar da contaminação do sangue negroide” (MOOG, 2005, p. 185). Nessas circunstâncias, vencem as armas do preconceito, do egoísmo, da vingança, da insensibilidade, do poder de dominação, tudo a favor da separação dos dois, não importando nem mesmo a urgência e a utilidade da hidráulica para Blumental.

A obra da hidráulica está quase pronta: com “o motor instalado sobre o consolo; os reservatórios concluídos; o conduto de recalque, a máquina elevatória, os cilindros, os tubos de ferro fundido, as bombas montadas sobre o maciço, prestes a funcionar... Perfeitamente ajustados, no nível regulando a primor... Mais um arranque, e a Hidráulica estaria concluída...” (MOOG, 2005, p. 170). Todavia, acima de tudo, é preciso dar fim à ameaça de Lore unir-se em casamento com um negro. E, assim, o amazonense “iria embora daquela terra que não o aceitara, apesar de todas as suas intenções cordiais, daquela cidade onde ele se sentira como um estrangeiro” (MOOG, 2005, p. 164). Partiria vencido, reflete ele (MOOG, 2005, p. 165). No dia seguinte ao telegrama, toma o trem na estação, às cinco da tarde, e volta para o Rio de Janeiro, sem despedir-se de Lore.

Considerações finais

Em *O tempo e o vento*, parte 3 - O arquipélago, v.3, Floriano diz:

A Alemanha nazista viveu recentemente um dos mais trágicos enganos semânticos de todos os tempos. Seu povo aceitou como verdade provadas uma série de mitos, superstições e metáforas que Hitler lhes impingiu em discursos repetidos e histéricos: a superioridade da raça ariana, do Herrenvolk, sobre as outras raças da terra...” (VERISSIMO, 2004, p. 291).

É desse mito que Vianna Moog se ocupa, fazendo uma precisa leitura do mundo real que se submetia à ameaça do poder emanado de tal mito. Percebia-o, muitas vezes, como guia maior de diferentes contatos entre os alemães e os brasileiros, todos estes chamados de negros nos espaços onde preponderava o jeito germânico de viver, como São Leopoldo. Nesse sentido, seu empenho com essa escrita ficcional da história demonstra a morte do mito, morte antecipada, pois ele dita-a ainda quando são plenas a sua vivacidade e as atrocidades que em seu nome eram praticadas na iminência da Segunda Guerra Mundial.

RESUMEN: En 1938, surge un libro que sorprende los lectores por el acierto (o afronta) de la temática en relación al mundo real: *Um rio imita o Reno*, de Vianna Moog. Se trata de un libro que es la expresión de una voz solitaria en el medio alemán del Rio Grande do Sul. Aparecen juntos dos mundos de aquella época, el mundo interno de la novela y el mundo externo diseñado por la política de una nación, presentada por su gobierno, en relación a otras naciones. Así nace una historia relacionada a una realidad extraliteraria por un enlace bien establecido, o sea, las interferencias del pensamiento alemán dominante en la segunda guerra en la comunidad alemana establecida en la región de São Leopoldo, en el Rio Grande do Sul, tratando acerca del racismo y del mestizaje.

Palabras-clave: *Um rio imita o Reno*. Inmigración. Etnia alemana. Prejuicio étnico.

Referências

DREHER, Martin N. *Um Rio Imita o Reno ou Longe do Reno também se é feliz*. considerações sobre uma obra de Clodomir Vianna Moog e uma resposta de Bayard de Toledo Mercio. In: Anais...SEMINÁRIO INTERNACIONAL IMIGRAÇÃO E RELAÇÕES INTERÉTNICAS. Unisinos, 13 a 15 de setembro de 2006.

EGGERS, José C. *Sociedade Orpheu*. a poesia estética de suas origens no contexto leopoldense. São Leopoldo: Pallotti, 1998.

FISCHER, Luís Augusto. Apresentação. In: MOOG, Vianna. *Um rio imita o Reno*. Porto Alegre: IEL: Corag, 2005.

GERTZ, René E.. *O aviador e o carroceiro*: política, etnia e religião no Rio Grande do Sul dos anos 1920. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

GIRON, Loraine Slomp. A imigração italiana no RS: fatores determinantes. In: LANDO, Aldair Marli (Org.). *RS: imigração x colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p. 47-66.

MOOG, Clodomir Vianna. *Um rio imita o Reno*. Porto Alegre: IEL: Corag, 2005.

SEYFERTH, Giralda. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. In: *Revista USP*. São Paulo, n.53, p. 117-149, mar./maio, 2002.

VERÍSSIMO, Erico. *O tempo e o vento*, parte III: O arquipélago. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. v.3.

WILLEMS, Emilio. *A aculturação dos alemães no Brasil*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1946.